

TÉRCIA MONTENEGRO

Turismo para cegos

Este livro foi selecionado pelo programa Petrobras Cultural



Copyright © 2015 by Tércia Montenegro Lemos

*Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990,
que entrou em vigor no Brasil em 2009.*

Capa

Tereza Bettinardi

Ilustração de capa

© The Imagination Box

Preparação

Joana Barbosa

Revisão

Angela das Neves

Adriana Bairrada

Os personagens e as situações desta obra são reais apenas no universo da ficção; não se referem a pessoas e fatos concretos, e não emitem opinião sobre eles.

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (cip)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Montenegro, Tércia

Turismo para cegos / Tércia Montenegro. — 1^a ed.

— São Paulo : Companhia das Letras, 2015.

ISBN 978-85-359-2546-3

1. Ficção brasileira 1. Título.

14-13309

CDD-869.93

Índice para catálogo sistemático:

1. Ficção : Literatura brasileira 869.93

[2015]

Todos os direitos desta edição reservados à

EDITORASCHWARCZ S.A.

Rua Bandeira Paulista, 702, cj. 32

04532-002 — São Paulo — SP

Telefone: (11) 3707-3500

Fax: (11) 3707-3501

www.companhiadasletras.com.br

www.blogdacompanhia.com.br

Sumário

PRIMEIRA PARTE, 9

SEGUNDA PARTE, 85

TERCEIRA PARTE, 159

PRIMEIRA PARTE

O amor

Lembro que vi o casal chegando miudinho, pela rua que fica em frente. O latido dos cães me tornou insensível ao barulho urbano: não percebo mais o resfolegar dos ônibus nem as buzinas. Mas noto a agitação por trás da vitrine e posso dizer que me acostumei ao ritmo das pessoas se deslocando de um ponto a outro, cruzando o asfalto, concentradas em si mesmas. Se uma delas vem em direção à loja, adivinho sua intenção muito antes que chegue à porta. Pelo jeito de andar, com certa dúvida ou expressão ansiosa, sei quando vai comprar um filhote por impulso ou quando escolherá um animal definitivo, estremecendo como quem vê uma criança no berço.

Alguns me chamam de sensitiva por causa dessas habilidades, mas eu me considero apenas uma boa observadora. Quando o casal parou na esquina, por exemplo, apurei minha atenção. Reconheci o rapaz como funcionário de uma repartição pública, um tipo insosso que parece brotar nesses ambientes. Creio que fui lá duas ou três vezes, para resolver o problema dos impostos

que a loja tinha atrasado, e o tal rapaz me atendeu. Seu crachá trazia um nome — Pierre — e, por uma associação incontrolável, pensei em como era apropriado para um sujeito daqueles. O nariz pontudo se anunciaava na primeira sílaba, e depois a vibração dos erres certamente devia corresponder a uma constipação que ele trazia, persistente como um arranhado na garganta.

Foi graças a essa brincadeira mental que pude cumprimentá-lo, quando ele entrou na companhia da moça. Pierre se admirou que eu o conhecesse e, mais ainda, soubesse o seu nome. Acho que ficou envaidecido — essa é outra coisa com que me divirto. As pessoas são sempre frágeis no orgulho e se agarram a migalhas de prestígio. No caso dele, o instinto fez com que procurasse a aprovação da moça; olhou para ela, ansioso por um ciúme ou espanto, algo que confirmasse que ele era, sim, alguém reconhecível.

A moça, entretanto, estava distraída, tateando as grades de uma pequena jaula onde eu pusera uns pastores-alemães nascidos há trinta dias. Ela se chamava Laila, conforme Pierre disse, num timbre meio jocoso. “Parece nome de bicho” — completou, com uma risada. Depois, deve ter achado o comentário grosseiro, porque tentou corrigir: “Como uma cachorrinha peluda, daquelas de filme”. Eu suspirei, para indicar impaciência. Laila tinha erguido um dos filhotes pela abertura superior da jaula e agora o amassava contra o peito. “Se vocês quiserem um desses, vão ter que vaciná-lo” — falei, mostrando a porta que dá para o consultório. Pierre abanou as mãos e a cabeça, em negativa: “Na verdade, precisamos de um animal adulto. Um que seja treinado para servir de cão-guia”.

Anotei o telefone de Aluísio, nosso funcionário responsável pelo programa de adestramento. Enquanto explicava detalhes do processo para a aquisição do cachorro, Laila se aproximou, ainda segurando o filhote. Ela estava rígida por trás dos óculos

escuros, e me senti nauseada — exatamente como fico diante de um esnobe. Meses mais tarde, Pierre me contaria sobre aquela época. “O começo do fim”, falou, num chavão dramático. Eu sorri, porque quando entrei na cafeteria nem sonhava que seria apresentada à história com tantos detalhes. O plano saía melhor do que eu havia imaginado.

Pierre continuava feioso, e sua voz tinha perdido grande parte da força. Provavelmente devido à tristeza, assumia um tom constrangido, sussurrante. Foi aos cochichos que me disse como se apaixonou, bem no dia em que Laila admitiu que ia ficar cega. A retinose inspirou nele um misto de piedade e covardia, balbúrdias filosóficas e sessões de revolta — contra si mesmo, contra a moça e o destino. Porém, em vez de verbalizar tudo aquilo, Pierre decidiu falar sobre a primeira coisa que lhe ocorreu: uma lenda criada pelo seu avô.

O avô era um andarilho incansável, conforme disse. Na juventude adquiriu um mapa do mundo que costumava desenrolar solememente como se fosse um papiro, para depois de um tempo guardá-lo de volta — um canudo da grossura de um telescópio, que o acompanhou em todas as bagagens. Era um incômodo que ele não dispensava, pois a cada cidade visitada punha no mapa um círculo colorido, fazendo um risco feroz, para ligá-las. O traço saltava oceanos, se a viagem fosse de avião.

Quando o avô estava muito velho, o zigue-zague de seus trajetos finalizou um desenho confuso, cheio de ângulos. Então ele percebeu que se tornava cego e contratou um marceneiro para que lhe fizesse a réplica da figura que durante anos esboçara sobre o mapa. Assim o desenho tornou-se palpável, numa estranha peça de madeira. O avô já não podia enxergar, mas carregava consigo a miniatura dos trajetos que percorrerá. Nos seus últimos dias, passou a dizer que aquele era o formato de sua alma. A enfermeira comentou sobre os delírios provocados pela

medicação, mas Pierre preferiu acreditar no mito criado pelo avô: cada homem constrói o espírito nos percursos que palmilha sobre a terra. Quem passa a vida circulando pelos mesmos lugares tem a alma redonda e funda; quem se desloca e atravessa continentes tem a alma longa, cheia de vértices.

O pedaço de madeira, como uma grande folha dura, era o retrato do avô por dentro, e quando Pierre o levou consigo, do hospital, sentiu que levava mais do que as cinzas de um morto. Levava um monumento íntimo, incompreensível para a maior parte das pessoas — tanto que nunca ousara explicar a origem do objeto. Tinha medo de que alguém risse da história ou, pelo contrário, ficasse melancólico e constrangido. Apenas para Laila evitou a versão mentirosa, que definia a peça como uma obra de arte anônima — e porque imaginava que ela, como artista, exigiria detalhes que ele não saberia sustentar. Pierre contou tudo sobre o avô e, quando concluiu, Laila tocou na madeira como se percorresse trilhas. Disse que gostaria de ter uma coisa parecida. “Você também gosta de viajar?”, ele perguntou. “Nem tanto” — ela falou. — “Mas queria saber o modelo da alma que tenho.”

Imediatamente, Pierre tomou para si a tarefa de ampliar as experiências de Laila. Por ela ser pintora, supôs que sua alma precisava ser larga, parabólica e complexa como um desses móveis pendurados em exposições. Sem dúvida, Pierre aceitaria que o seu próprio espírito se mantivesse vertical e simples como um poço, um túnel sem mistérios. Ele não era um indivíduo criativo ou revolucionário, mas Laila seria fatalmente infeliz se, além da cegueira, fosse condenada à imobilidade. Era preciso passeá-la, fazê-la explorar seus outros sentidos. Inclusive — acrescentou — o sentido extra que ela já devia possuir.

Laila

Na tarde em que a história do avô surgiu, o velho estava morto há quase cinco anos e o tal pedaço de madeira — réplica dos trajetos no mapa — andava esquecido, empoeirando numa das estantes da sala. Pierre lembrou-se dele num instantâneo, enquanto Laila falava de forma sucinta (e mesmo friamente) sobre a retinose pigmentar. O óbvio seria atormentá-la com perguntas ou protestos, frases de lamúria gaguejantes que ficariam ressoando como refrões. Era isso o que todos haviam feito, começando com cada familiar de Laila e passando pelos amigos, vizinhos ou colegas de universidade. Laila se conformava em ter de consolá-los para, num movimento às avessas, sair da postura de vítima, pobre-coitada. Não que tivesse um particular “talento para a luta”, como alguns disseram. Apenas odiava chamar a atenção e incomodava-se ao pensar que virava assunto em mesas de jantar ou trocas telefônicas. Enquanto durasse o processo de cegueira teria que dar satisfações, responder a inquéritos.

A curiosidade mórbida, inerente aos humanos, exercitava-se

sobre ela. Laila reduzia-se à condição de um radar, atraindo palpites ou indagações, receitas milagrosas e conselhos. Todos invadiam sua privacidade, examinando seus olhos e rosto como se ela vivesse um bicho. Dentre as reações que presenciou, estiveram crises de choro e até dois acessos de riso (de colegas que não a conheciam direito e pensaram que ela fosse uma pia-dista), porém o mais recorrente e aborrecido eram os discursos infundáveis, circulando primeiro para saber minúcias, esbaldar-se em termos técnicos, *informações* que Laila confirmava como testemunha direta da doença. Depois, o palavreado vinha como remédio alternativo, ele próprio uma “injeção de otimismo”, de acordo com uns tios que passavam mensagens de autoajuda para o endereço eletrônico de Laila. Era compreensível que ela se incomodasse com os rituais de luto antecipado por sua visão. Quando deu a notícia a Pierre, não havia um rastro emotivo em sua voz: falou automaticamente, com a amargura de um telefonista que atende à milésima chamada usando uma idêntica saudação. Esperava que o comportamento se repetisse; não tinha motivos para supor que Pierre reagiria de modo singular. Ele era só um dos alunos particulares que ela estava dispensando porque em poucos meses não seria capaz de ensinar pintura. Poderia talvez discernir formas ou cores, mas não fazia sentido manter uma profissão atingida pelo destino irônico.

No íntimo, Laila começava a se despedir das suas telas e desenhos — embora o que mais lhe doesse fosse a iminência de esquecer uma obra de Vermeer, Rembrandt ou Velázquez. Nenhum aluno tinha condições de sondar aquele sofrimento, e ela não tentou dividi-lo com ninguém, muito menos com o terapeuta que os pais lhe agendaram, praticamente à força. Também no curso de artes, nenhum colega adivinhou seus medos — apesar de serem medos recorrentes em quem estudava pintura e dependia, de maneira tão essencial, da visão.

Pierre não lhe disse o que pensava, mas quando Laila se calou, um segundo antes de ele se levantar para buscar algo na estante, sobreveio a pinçada no estômago — como no instante em que os jurados anunciam um prêmio e se pode ouvir o próprio nome, pronunciado num tipo de milagre. Laila não teve tempo de formular para si mesma o que na verdade esperava de Pierre, que atitude ou gesto. É provável que o desejo lhe reconstruísse, numa dimensão paralela, a chance de o rapaz voltar com algum livro de imagens para mostrar os quadros que ela queria memorizar. Ele diria, apontando cada imagem: “Veja esta” — e Laila, súbita aluna de um homem que não possuía qualquer habilidade com pincéis, obedeceria. Se fixasse cada detalhe, converteria para o cérebro a pintura, criando uma cópia interna, permanente.

Pierre, entretanto, voltou segurando um objeto de madeira feito de contorções, como um relâmpago. Entregou-o para que ela o segurasse, enquanto lhe contava sobre o avô. Laila escutou a história, longa o suficiente para transportá-la e fazê-la se esquecer dos problemas. Achou a ideia do mapa curiosa e poética; até riu quando Pierre passou a brincar, num jogo de adivinhas, sobre como seria a alma de certas pessoas famosas. A tarde passou sem que eles voltassem a falar da doença, e Laila despediu-se aliviada por saber que ao menos uma vez sua notícia não desencadeara o velho padrão de angústia.

Houve, porém, um momento — quando estava guardando os papéis e Pierre veio com uma xícara de café, pedindo que tornassem a se encontrar. Laila iria repensar a forma como ele segurou sua mão em torno da xícara, conduzindo-lhe os dedos como se ela já não pudesse ver. E também, sob tal perspectiva, a história do avô poderia ser uma delicada sugestão: afinal, fazê-la segurar o estranho mapa não era um convite para que ela passasse a esculpir? Não existia nada de especialmente ofensivo

no comportamento de Pierre — mas Laila andava farta de gestos piedosos, e odiou a hipótese. Lembrava a si própria que não tinha verbalizado qualquer promessa; logo, não seria mentirosa se nunca mais se encontrasse com ele.